

PRINCÍPIOS PARA UMA PSICOTERAPIA GENEALÓGICA: A VIDA COMO VALOR MAIOR*

Alfredo Naffah Neto**

Ao pensar no tema desta aula, minha primeira escolha encaminhou-se para um trabalho reflexivo em torno de *pesquisar, ensinar, aprender*, vistos da *perspectiva nietzschiana*, que é o lugar conceitual onde me situo atualmente. Entretanto, ao reler a aula de Suely Rolnik, dada por ocasião do seu concurso e publicada nos *Cadernos de Subjetividade*¹, intitulada: 'Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico', cheguei à conclusão de que eu iria tão-somente repetir coisas já ditas. Provavelmente optaria por um ou outro conceito diferente, alteraria a ênfase posta num ou noutro ponto ou descreveria experiências próprias como professor, que não constariam no texto de Suely. Mas seriam diferenças superficiais, nada além disso. O fundamental do que eu entendo por pesquisar, ensinar e aprender estão lá descritos; faço, pois, minhas as suas palavras.

A partir daí, resolvi caminhar para outro tema importante neste concurso, já que ele está assentado na minha carreira como professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica: trata-se da própria clínica ou, mais, precisamente, da psicoterapia, tal como eu a entendo e pratico nos dias de hoje. Não pretendo aqui fazer uma descrição exaustiva do tema, já que isso seria absolutamente impossível em função do tempo e do espaço disponíveis. Traço, apenas, alguns princípios maiores que governam o trabalho psicoterapêutico e o seu processo: mais precisamente as concepções de homem e de mundo aí implicadas, as noções de saúde e doença vigentes e as idéias-mestras do acontecer terapêutico.

Antes de começar, gostaria, entretanto, de expressar gratidão a todos os meus alunos e orientandos e dizer que, não fosse a sua participação atenciosa e generosa em todo o meu trabalho acadêmico, o diálogo livre e construtivo que, muitas vezes, me obriga a rever posições, a transformar conceitos e metodologias, eu não seria o professor que sou, nem estaria prestando este concurso. Devo isso, em grande parte, a eles. Dou, pois, início à minha exposição.

1º Princípio: Da Relação Terapêutica

Tanto o terapeuta quanto o paciente – ou os pacientes, se estivermos numa psicoterapia de grupo – só existem como *individualidades* ou *identidades estáveis* no nível das *representações* que cada um faz de si próprio. Isso aparece tanto no nível dos vários discursos – pontuados pelo

*Aula proferida no Concurso para Professor-Titular na PUC-SP, em 27/4/1994.

**Psicoterapeuta, coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Autor do livro *A psicoterapia em busca de Dioniso* (São Paulo, Escuta-Educ, 1994), entre outros.

uso do pronome *eu*, geralmente denotando identidade — quanto nas assunções e responsabilidades assumidas no contrato terapêutico, como presença, pagamento, etc. Ou seja, assume-se a individualidade naquela dimensão do visível, representada e regulada socialmente pelo mundo de fora, naquilo em que ela rege, com suas regras contratuais, o espaço terapêutico.

A *relação terapêutica*, propriamente dita, acontece na conjunção entre o *visível* e o *invisível*. No invisível, cada existência se tece e se constitui numa alternância entre diferentes personagens, que se criam e se desmancham como expressões formais de lutas entre múltiplos campos de forças. *Caleidoscópios, afetando-se através das diferentes figuras que formam e da ressonância que cada uma produz nas outras: esta é, talvez, a melhor descrição da relação terapêutica.*

A dinâmica que rege o devir dessas forças e desses personagens é fundamentalmente *inconsciente*; neste sentido, *o trabalho terapêutico está sempre procurando interpretar as formas como somos constituídos e regidos por essas forças e como podemos (ou não) acolhê-las e participar do seu devir, como escolha.* A terapia estará sendo bem-sucedida quanto mais cada um conseguir conquistar uma envergadura interior capaz desse acolhimento e participação, como possibilidade assumida.

A própria terapia, como instituição, deve ser vista e interpretada a partir desses referenciais.

2ª Princípio: Da Subjetividade e do Mundo

Cada subjetividade é uma extensão modular do mundo, uma dobra através da qual o mundo se faz interioridade, deixa as suas marcas sob a forma de memória e cria sentidos, formando códigos singulares. O mundo, por sua vez, é sempre uma articulação de perfis e de perspectivas originários de múltiplas interpretações subjetivas. Subjetividade e mundo existem, pois, sempre imbricados um no outro: se a subjetividade é uma dobra do mundo, o mundo se constitui dos desdobramentos das subjetividades. Dentro desses horizontes, os sentidos que se constituem no espaço terapêutico são sempre interpretações de interpretações; por outro lado, é sempre o mundo que está em questão, na medida em que não existe nenhum outro mundo além daquele implicado nos vários discursos. Existem, isto sim, inúmeros outros vértices, perspectivas e interpretações possíveis; o mundo é sempre o *mesmo*, o que não significa que ele não esteja continuamente se desdobrando em inúmeros *outros*. Este é, talvez, o paradoxo implicado na noção nietzschiana de *eterno retorno* e, geralmente, mal compreendido. O que retorna, em cada instante, na experiência humana, é o *mesmo* mundo, a *mesma* vida com todas as suas qualidades e defeitos, suas clarezas e escuridões, suas pujanças e fraquezas, suas virtudes e vícios, o *mesmo* mundo e a *mesma* vida na medida em que não existe *outro* mundo nem *outra* vida: nem o mundo das idéias de Platão, nem a vida eterna dos cristãos, nem quaisquer outros, mas sempre o *mesmo* mundo e a *mesma* vida *terrenos*. Entretanto, o que caracteriza esse mundo e essa vida é só existir através das suas formas, das suas interpretações. Neste sentido, o *mesmo* mundo e a *mesma* vida sempre retornam como *alteridade*, como *diferença*, dado que o que os constitui é o puro *devir*, as múltiplas formas que assumem, as inúmeras máscaras pelas quais adquirem existência material.

A personalidade é uma multiplicidade de *personas*, ou seja, de máscaras, personagens ou

formas que se alternam, em contínua luta pela hegemonia da *psyché*. Essas máscaras são formas engendradas pela dinâmica das forças que, por sua vez, formam circuitos, organizações funcionais. Num momento, uma personalidade está sempre comandada por um circuito de forças que, por sua vez, é regido por código(s) singular(res) e compreende uma produção de máscaras mais ou menos típica. Por exemplo, uma personalidade comandada por um circuito histérico rege-se por um código totalitário, aprisionante e, como tal, produz máscaras que oscilam entre o doente-deficiente, o ator histriônico, a vítima-do-destino, etc., todas variações do *ser-escravo*.

A psicoterapia genealógica está sempre buscando libertar circuitos de forças aprisionados e dominados por códigos totalitários ou procurando criar espaço para circuitos marginais, sem território. É genealógica, na medida em que pesquisa a gênese das patologias e sua constituição a partir dos jogos, dos acasos da história.

3º Princípio: Da Saúde e da Doença

A personalidade saudável é aquela comandada por circuitos nobres, que quer dizer, circuitos-de-força onde as forças ativas dominam as forças reativas.

Numa personalidade, as *forças reativas* são tão necessárias e fundamentais quanto as *forças ativas*, pois elas compreendem o sistema mnemônico e o sistema de comunicação, ou seja, a memória armazenada, potencialmente catalisável nas reações adaptativas, bem como o sistema gregário, que compreende a linguagem, a comunicação e a consciência – que se forma delas. Nesse sentido, as forças reativas são em parte *inconscientes* – uma parte do sistema mnemônico, por exemplo – e em parte *conscientes*. Já as *forças ativas* são completamente *inconscientes* e compreendem toda a dimensão plástica, criadora, da personalidade. Enquanto *forças criadoras*, as *forças ativas* estão em plena posse da sua potência; enquanto *forças adaptativas*, as *forças reativas* estão separadas da sua potência plástica, do seu devir criador, na medida em que estão condensadas e armazenadas em mecanismos necessários à sobrevivência. Por isso, no *circuito-de-forças saudável*, as forças ativas devem comandar as forças reativas, o que quer dizer: *os processos de expansão e intensificação da vida devem usar as funções adaptativas em seu proveito*. Em outros termos, as marcas do passado devem ser usadas, filtradas, acionadas, em função das metas da vida em seu devir: é o que denomino *circuito nobre*.

Quando, pelo contrário, as *forças reativas* dominam as *forças ativas* é o passado que invade, controla e interpreta o presente, em função de experiências não digeridas, elaboradas e metabolizadas pela *psyché*. Nesse caso, o *passado não é esquecido e discriminado do presente*, nem usado em seu proveito; as marcas mnêmicas invadem tudo e tomam-se o *código dominante*. Pois as *forças reativas* – separadas do seu devir criador – não são capazes de criar nem novas marcas, nem novos códigos; como condensação do passado só podem perpetuar as marcas antigas. Ao dominar as forças ativas, acabam, pois, por impor-lhes, também, essas marcas e impedir-lhes o devir criador. O *circuito-de-forças* fica, então, *aprisionado* por um *código tornado absoluto*, tornando-se assim um *circuito escravo*. A *neurose* descreve, justamente, uma *personalidade dominada por um circuito-escravo*. Suas características: a perpetuação de interpretações calcadas no passado, a impotência, a atividade tornada inoperante, a redução da personalidade à função passiva do sentir e que é, tão-somente, um sentir-do-passado, o que quer dizer,

um re-sentir, um *ressentimento*. O *ressentimento*, como expressão da *dor*, originária da *impotência*, só consegue livrar-se dessa dor espalhando ódio, buscando culpados pelo seu infortúnio e alimentando desejos de vingança. Ou sucumbindo na formação de sintomas: a *somatização histórica en-carnando* a impotência, a *angústia fóbica* projetando-a em objetos dos quais procura fugir, *as idéias e rituais obsessivos* vivendo concretamente essa escravidão a um Outro.

Ainda há pouco dizia que as forças reativas são tão fundamentais à personalidade quanto as forças ativas. Vou desenvolver um pouco mais essa idéia. Quando um *campo de forças ativas* não consegue encontrar *apoio de forças reativas*, capaz de garantir-lhe uma tradução no circuito gregário e um território possível na consciência e na rede das relações sociais, ele permanece desterritorializado, produzindo e criando de forma totalmente dissociada dos códigos vigentes. É o que denomino *circuito louco*; ao dominar a personalidade, ele pode deflagrar uma *psicose*. O que impede essa articulação das forças ativas com forças reativas? Às vezes, a vida – em seus processos de expansão e intensificação – sofre uma dor ou uma angústia tão intensas que tem que *desconectar, tornar inoperantes as marcas mnêmicas* capazes de *dar sentido* à experiência traumatizante. Para fugir do sofrimento, nega o acontecimento; nesse caso, a experiência pode permanecer totalmente desterritorializada, sem tradução possível, fadada ao delírio e à alucinação. Outras vezes, a experiência não pode ser acolhida pela consciência por impedimentos morais ou pela falta de signos disponíveis para significá-las nos códigos vigentes. O efeito é o mesmo.

No tratamento das neuroses a psicoterapia genealógica pesquisará a gênese do código totalitário que aprisiona o circuito-de-forças, ajudando o paciente a re-digerir as experiências passadas que invadem e dominam o presente. No tratamento das psicoses, procurará pesquisar o que impede a tradução do campo-de-forças ativo numa experiência que possa ter lugar na consciência e no mundo gregário. E ajudará o psicótico na construção de um território de vida capaz de acolher a(s) experiência(s) marginalizada(s).

4^a Princípio: Do Processo Psicoterapêutico

A psicoterapia genealógica não é neutra, como postulam certas psicanálises assépticas. Ela toma deliberadamente o partido da *vida*, assumindo-a como *valor maior*, como o *valor dos valores*. Entretanto é preciso distinguir *vida* de *sobrevivência*.

Grosso modo, poderíamos dizer que *sobrevivência* significa, fundamentalmente, *capacidade de adaptação*, enquanto que *vida* implica algo maior e mais nobre: *a criação de formas e de códigos* (posteriormente armazenados para fins adaptativos), *na contínua apropriação e transformação do mundo em proveito da expansão e intensificação do impulso vital*. *Vida* significa, nos termos de Nietzsche, *vontade de potência*, o que quer dizer, *movimento propulsor e criador, constituído de potência e aspirando a uma potência sempre maior*. Mas – contra qualquer interpretação fascista – Deleuze nos lembra que essa *potência* é essencialmente *criadora*, onde o *poder* é, fundamentalmente, *poder de criar*.

Assumindo a vida como valor maior, a psicoterapia genealógica estará sempre trabalhando para o seu enriquecimento, a restauração da sua potência criadora, o que quer que isso possa significar em cada situação singular.

Seu princípio ético básico – no sentido originário de *ethos* = assento, morada – é o acolhimento supra-moral, ou seja, a capacidade de criar assento, morada, para as múltiplas experiências humanas. Sua ferramenta de trabalho é a interpretação. Entretanto, interpretação não significa, necessariamente, uma formulação verbal, embora ela possa muitas vezes assumir essa forma. Interpretante é qualquer movimento – verbal ou não verbal – capaz de des-construir a forma vital em foco e desdobrá-la tanto em direção ao passado – sua gênese – quanto em direção ao futuro – seu devir. Ou, noutros termos, interpretante é todo movimento capaz de romper o caráter totalitário do código que aprisiona a forma vital ou de abrir espaço para um sentido marginal que busca território. Nesse sentido, a psicoterapia genealógica pode usar de diferentes técnicas: uma dramatização, uma massagem, ou mesmo um silêncio, um sorriso, um piscar de olhos podem, circunstancialmente, ser tão interpretantes quanto uma formulação verbal. Tudo depende do domínio que cada terapeuta possua das diferentes técnicas e da sua capacidade para transformá-las em função dos propósitos que aqui se perseguem.

Por último, a temporalidade em que se move o processo terapêutico é a de *Aiôn*², o tempo do eterno retorno. Anel de múltiplos centros, roda que move o mundo e as subjetividades e os recria, recozendo-os nos seus caldeirões mágicos, o eterno retorno é o tempo das profusões singulares. Cada instante reúne, no seu círculo, passado, presente e futuro, funde-os no seu fogo perpétuo e lança-os como dados sobre as linhas do destino. E a vida retorna com tudo o que é: retornam o grande e o pequeno, o brilhante e o sombrio, o bom e o ruim. Mas é possível que, ao se banhar nas águas do eterno retorno, se possa escolher o próprio destino, ou seja, acolhê-lo e participar, voluntariamente, do seu devir. Isso significa aceitar a vida tal qual ela é, com todas as maravilhas e as imperfeições, os prazeres e as dores, as alegrias e os sofrimentos; aceitá-la, acolhê-la e aprender a dançar nos seus anéis.

É esse o acontecimento maior que se busca, de diferentes maneiras, em psicoterapia genealógica. No fundo de tudo, espreitam, com o seu sorriso enigmático, as múltiplas máscaras de *Dioniso*, o deus da alteridade e do devir, símbolo desse processo. Ensinando que ser si-mesmo ou ser si-próprio significa desdobrar-se em inúmeros outros, acolhê-los e aprender a amá-los, pois vida significa devir e ser significa vir-a-ser. E alertando os que teimam em não reconhecer esse princípio; com eles, o deus é cruel, não perdoa: são escravizados na roda do tempo ou marginalizados do seu devir criador, restando-lhes, então, tão-somente, a neurose ou a loucura.

Notas e referências bibliográficas

1. CADERNOS DE SUBJETIVIDADE, 1 (2): 241-251, São Paulo.
2. O termo *Aiôn* significa, em grego, tempo sem idade, eternidade, mas também suor, esperma, substância vital, medula espinal. Como entidade mitológica, é filho de *Crónos* e *Filira*.

